

# OLHAR VAN GOGH

ESCOLA DE ARTES VISUAIS  
PARQUE LAGE

12 DE JUNHO A 15 DE JULHO

PROMOÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

OLHAR VAN GOGH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Instituto de Ciências Exatas

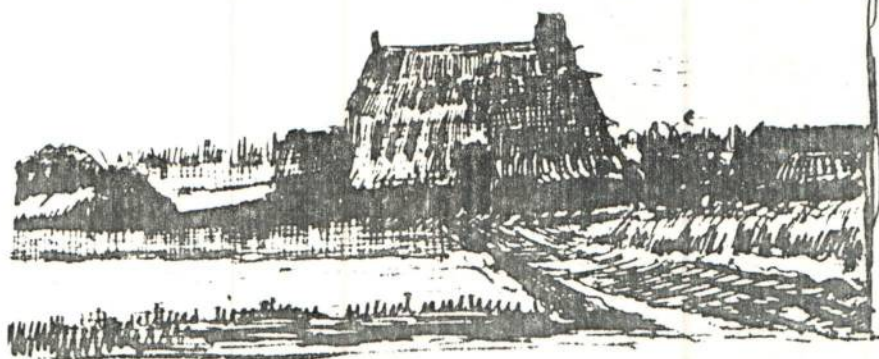
Departamento de Artes

**OLHAR VAN GOGH**

Curadoria: José Alberto de Pinho Neves

Assistente da Curadoria: Paulo Antonio Soares Perroti

Ik voor my vooral als gy hier waard zou  
 get meer en meer of figuren me concentreeren  
 Ik zou u even de landschappen op Keabbelem  
 die ik op 1 april heb



Liedaan 1 jeune van studies die ik goede vertalingen  
 gy direct aangreep. Het landschap gaat leeren  
 aankijken in zijn eenvoudige lijnen en tegeestelingen  
 van licht en bruis. 1 Boerente zag ik leden was  
 geheel in de melk. De grond was Superbe  
 in de natuur. mijn studie is my nu niet ryp genoeg  
 maar het effect greep my aan en was wel juist  
 Het is nu zoo als ik het u hier beken



Van Gogh, Noite Estrelada, pena vermelha e nanquim, 1885

Ao comemorarmos, no próximo dia 29 de julho, o centenário de morte de Vincent Van Gogh (1853-1890), a Universidade Federal de Juiz de Fora junta-se aos artistas, cuja relação e currículos se encontram em anexo, e às instituições que exibirão a exposição "Olhar Van Gogh", numa homenagem e reverência à genialidade e à determinação deste criador e ao mistério que encerra sua pintura.

Torna-se menor explicar Van Gogh e sua obra; por isso, intencionalmente, procuramos propiciar aos nossos convidados, artistas comprometidos com a reflexão contemporânea da arte brasileira, a discussão do visível: a questão estética; e do invisível: a questão da alma; da pintura matéria – tudo é matéria em Van Gogh – proveniente da pincelada – elemento construtor, atormentado e sereno – reveladora da loucura e lucidez, dotada de um grafismo vigoroso e colorismo intimista distante do senso comum, iniciado no interesse pela pintura de alguns mestres impressionistas e, posteriormente, nas estampas japonesas, vindo a acrescentar com maestria um novo destino à cor.

Investido do conceito moral do significado de ser artista, Van Gogh controla sua espontaneidade diante da dificuldade de dar vida e movimento aos seus temas, cuja composição se apresenta estruturada, organizada e pensada, deixando transparecer o seu interesse pela pintura como "cosa mental", revelando a natureza numa atmosfera atormentada, banhada pelo mistério da procura oscilante entre o dia e a noite, estática no abrangente e dinâmica no específico.

Assim, a temática, a cor, a matéria, o mistério, a dramaticidade, o grafismo, a técnica, os conceitos e tantos outros aspectos da obra e da vida deste gênio nos serviram como referencial na escolha dos nossos convidados, cujo número é pequeno diante do universo das artes plásticas brasileiras. Entretanto, não temos pretensão de esgotar o assunto e admitimos que muitos poderiam participar e, talvez, até gostassem de se juntar a nós nesta homenagem. Contudo, os problemas que nos impõe a condição de falta de verbas da universidade brasileira, principalmente, para atividades artísticas de extensão, limitam-nos e até nos obrigam a recorrer a empresa privada e a outras instituições para podermos concretizar nosso projeto.

A curadoria,  
1990

"(...) Um instinto extraordinário de pintor, maravilhosas e fortes qualidades de visão, uma sensibilidade que adivinha a forma viva e maleável ou o aspecto rígido das coisas, uma eloqüência, uma abundância de imaginação que impressionaram seus amigos (...)". Assim Octave Mirbeau definia Vincent Van Gogh em *L'Echo de Paris* de 31 de março de 1891, por ocasião do Salão dos Independentes, alguns meses após a morte trágica do artista.

Nascido em 30 de março de 1853 em Grott-Zundert, no Brabante holandês, Vincent Van Gogh, filho de um pastor protestante, deveria buscar seu rumo por largo tempo e só tardiamente chegou à pintura. Primeiro foi empregado, em 1873, nas sucursais de Haia, Bruxelas, Londres e Paris do importante *marchand* Goupil, proprietário de galerias de arte nessas capitais. Acreditou depois ter sido chamado pela vocação religiosa e, durante dois anos, levou uma vida errante e miserável de missionário na região belga de Borinage.



**1. Período holandês (1880-1886)** – Foi por volta de 1879-1880 que Van Gogh começou a desenhar e a pintar: copia então incansavelmente Jean-François Millet e recebe os conselhos de dois pintores, Van Rappard e seu primo Mauve. Experimenta em inúmeros estudos todas as técnicas do desenho, que ele define nos seguintes termos: "Que é desenhar? Como se chega a isso? É a ação de rasgar uma passagem através da parede de ferro invisível que parece situar-se entre o que se *sente* e o que se *pode*. Como atravessar essa parede, pois de nada serve bater-lhe com força? Em minha opinião, deve-se minar essa parede e atravessá-la demolindo-a aos poucos, lentamente, com paciência".

Durante o verão de 1884 a leitura de duas obras de Charles Blanc - *Artistes de mon temps* e *Grammaire des arts du dessin* - revela-lhe a teoria das cores complementares. Contudo, durante esse período holandês, Van Gogh limita-se deliberadamente a uma gama de tonalidades sombrias, com abundância de cores e terras, dispostas em grandes pinceladas vigorosamente empastadas.

De suas naturezas-mortas com objetos familiares (*Os Cântaros*, 1884; *As batatas*, 1885, ambos no Museu Kröller-Müller, Otterloo; *Os Ninhos*, 1885, col.

V.W. Van Gogh, Laren); de suas paisagens repassadas de melancolia (*O presbitério de Nuenen*, 1885; *Choupana ao cair do dia*, 1885, ambos na coleção V.W. Van Gogh, Laren); de seus retratos e cenas da vida camponesa ou operária (*Interior com tecelão*, 1884; *Camponês com cachimbo*, 1884, ambos do Museu Kröller-Müller, Otterloo; *Os comedores de batatas*, 1885, col. V.W. Van Gogh, Laren), deprendem-se um poderoso realismo, um materialismo de uma violência por vezes vulgar, mas não destituído de certa poesia.

E a partir de 1885 (*Natureza-morta com a Bíblia aberta*, col. V.W. Van Gogh, Laren), Van Gogh já presente a transformação que a cor vai produzir na sua arte. "A cor exprime algo por si mesma", declarou. Após breve estada em Anvers, onde admira a obra de Rubens, chega em fevereiro de 1886 à França, onde seu gênio vai amadurecer e dar tudo de si. E se instala em Paris.

**2. Período parisiense (fevereiro de 1886 - fevereiro de 1888) – 1866** é o ano da última exposição dos impressionistas, onde Seurat apresenta a *Grande-Jatte*, nascimento do neo-impressionismo; é igualmente o ano da afirmação do Simbolismo e aquele em que Van Gogh sofrerá múltiplas influências; entra em contato com Degas, Monet, Sisley e Pissarro. Do Impressionismo – a cujo respeito escreveu: "É tão necessário passar regularmente pelo Impressionismo agora quanto era outrora passar por um ateliê parisiense (...)" - e sem lhe adotar o espírito, aprende a clarear a paleta, a dividir o tom, a praticar a pincelada vibrante em vírgulas para traduzir a luz.

Há uma grande distância do *Moinho de La Galette* (1886, Museu Kröller-Müller, Otterloo) a telas como *Pequenos jardins na colina de Montmartre* (1887, Museu Municipal de Amsterdam), Diante de um restaurante de Asnières (1887, col. V.W. Van Gogh, Laren), *A Pesca na primavera* (1887, col. Chauncey MacCormick, Chicago) ou *O restaurante de La Sirène em Joinville* (1881, Jeu de Paume).

Naturezas-mortas revelam também a evolução seguida pelo artista: *Os livros amarelos (romances parisienses)* (1887, col. G. Boner, Zurich), por exemplo.

Van Gogh freqüenta igualmente Signac e Seurat, cuja estética o interessa vivamente, deixando disso um testemunho muito nítido num quadro perfeitamente pontilhista, *Interior de restaurante* (1887, Museu Kröller-Müller, Otterloo), ou no *Auto-retrato no cavalete* (1888, col. V.W. Van Gogh, Laren), realizado segundo a técnica neo-impressionista.

O Cloisonismo sintético de Gauguin e de Emile Bernard tampouco o deixa indiferente. E finalmente, em Paris, descobre o japonismo, que alia ao Impressionismo no surpreendente *Retrato do tio Tanguy* (1887, Museu Rodin, Paris), em que estampas japonesas decoram o fundo do quadro, ou na *Mulher com tamborins* (1887, col. V.W. Van Gogh, Laren). Chega mesmo a interpretar gravuras japonesas, como *A chuva*, de Hiroshigue, por exemplo (col. V.W. Van Gogh, Laren).

Van Gogh ultrapassará rapidamente o Impressionismo, mas permanecerá fiel ao japonismo. Esta é uma das razões pelas quais abandona Paris e vai instalar-se em Arles: "Mudei-me para o Sul e aí me lancei ao trabalho por mil razões. Querer ver uma outra luz, crer que olhar a natureza sob um céu mais claro pode nos dar uma idéia mais exata do modo de sentir e de desenhar dos japoneses, querer, enfim, ver esse sol mais forte. (...)".

**3. Período de Arles (fevereiro de 1888 - maio de 1889) –** O período de Arles, que compreende 190 quadros, marca o ponto culminante do gênio de Van Gogh. A cor vai tornar-se doravante a sua preocupação essencial, uma cor cujo cromatismo violento liberta toda a potência de suas emoções, mas cuja harmonia jamais será ferida, embora ele assinale que "é impossível fazer valores contrastantes e cor". Van Gogh confessa: "Começo a buscar cada vez mais uma técnica simples que talvez não seja impressionista (...)". Ele quer "cores como nos vitrais e um desenho de linha firme". Essa simplificação foi a lição essencial que extraiu dos japoneses.

O naturalismo de Van Gogh vai participar então das grandes forças cósmicas. Numa exaltação cada vez maior, ele quer traduzir a intensidade luminosa das coisas nos fulgores chamejantes do sol de verão (*A planície de La Cau*, 1888, col. V.W. Van Gogh, Laren) ou no cintilar das estrelas (*Noite estrelada*, 1888, col. part., Paris). A obsessão do espaço

transtorna-o e ele não consegue encontrar o equilíbrio, tão desesperadamente perseguido, entre seu temperamento tão excessivamente barroco e essa terra da Provença cujo classicismo Cézanne soubera penetrar.

Esgotado por essa tensão nervosa e esse frenesi criativo, o artista vê sua razão soçobrar, na véspera do Natal de 1888, quando de uma crise em que, após uma discussão com Gauguin, que a ele viera juntar-se no Sul, mutila uma orelha. Algum tempo depois ele próprio solicita sua internação no asilo de Saint-Rémy.

Citemos entre as obras mais célebres do período de Arles: *As árvores em flor* (1889, Museu Kröller-Müller, Otterloo), *Girassóis*, essa fulgurante sinfonia de amarelos (188, col. V.W. Van Gogh, Laren), *A Arlesiana* (1888, co. Sam. A. Levisohn, Nova York), *Quarto do artista em Arles* (1888, Col. V. W. Van Gogh, Otterloo), *A cadeira de Vincent* (1888-1889, Tate Gallery, Londres), *A poltrona de Gauguin* (1888, col. V.W. Van Gogh, Laren), *O carteiro Roulin* (1888, Museum of Fine Arts, Boston), *Auto-retrato com a orelha cortada* (col. Sr. e Sr<sup>a</sup> Leigh B. Bloch, Chicago), em que o olhar alucinado confere um caráter empolgante.

#### 4. Período de Saint-Rémy (3 de maio de 1889 - 16 de maio de 1890)

Durante sua permanência no hospício de Saint-Rémy, entrecortada de crises, Vincent Van Gogh continua pintando. À exasperação da cor sucede agora a exasperação da forma, "aquilo com que sonho em meus melhores momentos é menos os efeitos da cor fulgurante do que, uma vez mais, os semitons (...)"

Durante esse período: "flamboyant", o mundo forma-se e se deforma convulsivamente em suas telas, segundo sua visão interior: ciprestes e oliveiras contocem-se em imensas chamas, as nuvens parecem gigantescas vagas, o próprio sol transtorna-se numa deflagração vertiginosa: *O trigo amarelo e os ciprestes* (1889, Tate Gallery, Londres), *Os ciprestes* (1889, Metropolitan Museum, Nova York), *Noite estrelada* (1889, Museum of Modern Art, Nova York), *Estrada com ciprestes* (1890, Museu Kröller-Müller, Otterloo), *As oliveiras* (1889, col. J.H. Whitney, Nova York), *O olival* (1889), *À beira dos Alpillles* (1890) (ambos no Museu Kröller-Müller), *Os calceteiros* (1889, Museu de Arte de Cleveland), *As Íris* (1890, col. sr<sup>a</sup> Charles Payson, Nova York). Suas pinceladas empastadas, continuamente fragmentadas em vírgulas, manchas, pontos, bastonetes, propiciam uma prodigiosa sensação de vida. "Talvez ele jamais tivesse pintado tão bem e com tanta ousadia", disse Emile Bernard.

A mesma violência alucinatoria reencontra-se nos retratos: *A arlesiana, segundo Gauguin* (1890, Museu Kröller-Müller), *A supervisora-chefe do Hospital Saint-Paul* (1890, col. Dr<sup>a</sup> G. Dubi-Müller, Soleure), *No limiar da eternidade* (1890, Museu Kröller-Müller, Otterloo).

Baseado em gravuras, Van Gogh também interpreta seus mestres preferidos. Rembrandt, Delacroix, Millet, assim como a *Ronda dos prisioneiros*, segundo Gustave Doré (1890, Museu Puchkin, Moscou), em que o artista parece simbolizar o seu destino trágico.





### 5. Período de Auvers-sur-Oise (20 de maio-29 de julho de 1890) –

Em maio de 1890, Van Gogh troca Saint-Rémy por Auvers-sur-Oise, onde se instala, no dia 21, na casa do Dr. Gachet. Esse último período é um dos mais fecundos. Após uma acalmia passageira de que são testemunhas *Choças em Cordeville* (Jeu de Paume) ou o *Retrato de Mlle. Gachet ao piano* (Museu de Basileia), ele reencontra suas angústias e o tumultuoso desvario em que soçobra sua razão. Entre as obras mais características, cite-se o *Retrato do Dr. Gachet* [Jeu de Paume], "com a expressão desolada da nossa época", *A Igreja de Auvers* (Jeu de Paume), de um expressionismo virulento, o *Auto-retrato*, o último (Jeu de Paume), imagem alucinante e trágica daquele que escrevia a seu irmão Théo numa carta encontrada sobre ele após a morte: "Bem, que o meu trabalho em ampare, por ele arrisquei a minha vida e e nele se apagou pela metade a minha razão (...)".

Suas últimas telas e, mais particularmente, *Campos sob um céu de tormenta* (col. V.W. Van Gogh, Laren) são uma busca desesperada de espaço e de infinito. A 27 de julho o artista desfecha um tiro de revólver no peito e morre dois dias depois.

A arte de Van Gogh, toda de contradições, de incertezas angustiadas e de certezas inflamadas, participa dos dois pólos da natureza humana: a matéria e o espírito. Seu naturalismo espontâneo e instintivo, um pouco bárbaro, ombreia com "a busca do infinito", segundo os seus próprios termos. Sua repercussão estendeu-se muito além do impressionismo e esteve na origem do Fauvismo e do Expressionismo.

## CURADORIA

### JOSÉ ALBERTO DE PINHO NEVES

José Alberto Neves (Ovar, Portugal), formou-se em Desenho e Plástica pela UFJF e aperfeiçoou-se em Gravura em Metal e Litografia na UFMG. É professor de Gravura e História das Artes na UFJF desde 1974. Realizou curadoria das exposições: Mostra do Desenho Mineiro (1986), "Do Tear à Arte" (1987), "Pessoa/Pessoas" (1988), "Gravura em Metal no Brasil" (1988), e "Cada Cabeça uma Sentença" (1989). Organizou a montagem do atelier de Gravura em Metal no Espaço Cultural B. Mascarenhas (1988). Prêmio de Desenho no VII Festival de Arte da UFJF (1969). Prêmio de Desenho no Salão do Artista Jovem de Juiz de Fora (1971). IV Salão de Verão no MAM do Rio de Janeiro e IV Salão Nacional de Arte Universitária em Belo Horizonte (1972). V Salão de Verão do MAM do Rio (1973). IV Salão de Artes Plásticas em Goiânia e IX Salão Nacional de Arte em Belo Horizonte (1977). III Salão Nello Nuno em Belo Horizonte e "Artistas de Juiz de Fora" no MNBA do Rio de Janeiro (1978). IV Salão Nello Nuno em Belo Horizonte e II Salão Nacional de Artes Plásticas no Rio de Janeiro (1979), Prêmio de Gravura no II Salão de Artes Visuais em Londrina-Paraná (1979). 36º Salão Paranaense e Prêmio no III Salão de Artes Plásticas, em Belo Horizonte (1980). IV Salão de Artes Plásticas em Belo Horizonte e Individual em Juiz de Fora (1981). Individual, Galeria Corpo em Belo Horizonte (1981), "Do Tear à Arte", Parque Halfeld, Juiz de Fora (1987). "Pessoa/Pessoas", Palácio das Artes em Belo Horizonte e Reitoria da UFJF (1988). "Cada Cabeça uma Sentença", Belo Horizonte, Rio, São Paulo, Ouro Preto, Juiz de Fora e Santos (1989). Individual, Galeria Arte Nossa, Juiz de Fora (1989).

## ASSISTENTE DA CURADORIA

### PAULO ANTÔNIO SOARES PERROTTI

Paulo Antônio Soares Perrotti (São Paulo, São Paulo, 1965). Acadêmico do curso de Educação Artística da UFJF. Participou do Festival de Arte Latino-Americano em Brasília (1987). Realizou a assistência de curadoria das exposições: "Pessoa/Pessoas" (1988), "Gravura em Metal no Brasil" (1988) e "Cada Cabeça uma Sentença" (1989). Exerceu monitoria de História das Artes e Estética no Departamento de Artes da UFJF nos anos de 1988 e 1989.

## OLHAR VAN GOGH

**PROMOÇÃO** - Universidade Federal de Juiz de Fora - Departamento de Artes (ICE)

**SINOPSE** - Ao comemorarmos, no próximo dia 29 de julho, o centenário de morte de Vincent Van Gogh (1853-1890), a Universidade Federal de Juiz de Fora junta-se aos artistas, cuja relação e currículos se encontram em anexo, e às instituições que exibirão a exposição "Olhar Van Gogh", numa homenagem e reverência à genialidade e à determinação deste criador e ao mistério que encerra sua pintura.

Torna-se menor explicar Van Gogh e sua obra; por isso, intencionalmente, procuramos propiciar aos nossos convidados, artistas comprometidos com a reflexão contemporânea da arte brasileira, a discussão do visível: a questão estética; e do invisível: a questão da alma; da pintura matérica – tudo é matéria em Van Gogh – proveniente da pincelada – elemento construtor, atormentado e sereno – reveladora da loucura e lucidez, dotada de um grafismo vigoroso e colorismo intimista distante do senso comum, iniciado no interesse pela pintura de alguns mestres impressionistas e, posteriormente, nas estampas japonesas, vindo a acrescentar com maestria um novo destino à cor.

Investido do conceito moral do significado de ser artista, Van Gogh controla sua espontaneidade diante da dificuldade de dar vida e movimento aos seus temas, cuja composição se apresenta estruturada, organizada e pensada, deixando transparecer o seu interesse pela pintura como "cosa mental", revelando a natureza numa atmosfera atormentada, banhada pelo mistério da procura oscilante entre o dia e a noite, estática no abrangente e dinâmica no específico.

Assim, a temática, a cor, a matéria, o mistério, a dramaticidade, o grafismo, a técnica, os conceitos e tantos outros aspectos da obra e da vida deste gênio nos serviram como referencial na escolha dos nossos convidados, cujo número é pequeno diante do universo das artes plásticas brasileiras. Entretanto, não temos pretensão de esgotar o assunto e admitimos que muitos poderiam participar e, talvez, até gostassem de se juntar a nós nesta homenagem. Contudo, os problemas que nos impõe a condição de falta de verbas da universidade brasileira, principalmente, para atividades artísticas de extensão, limitam-nos e até nos obrigam a recorrer a empresa privada e a outras instituições para podermos concretizar nosso projeto.

**CURADORIA** - Prof. José Alberto de Pinho Neves - Depto. de Artes da UFJF (página 8).

**ASSISTENTE DE CURADORIA** - Paulo Antônio Soares Perrotti (página 8).

**NÚMERO DE OBRAS DA EXPOSIÇÃO** - 27 (vinte e sete)

**TAMANHO MÁXIMO DE CADA OBRA** - 200 cm x 200 cm

**REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS DE TRABALHOS DE VAN GOGH** - 8 (oito) no tamanho de 100 cm x 80 cm.

**VÍDEO** - Duração de 10 a 15 minutos.

**TÉCNICAS** - Diversas

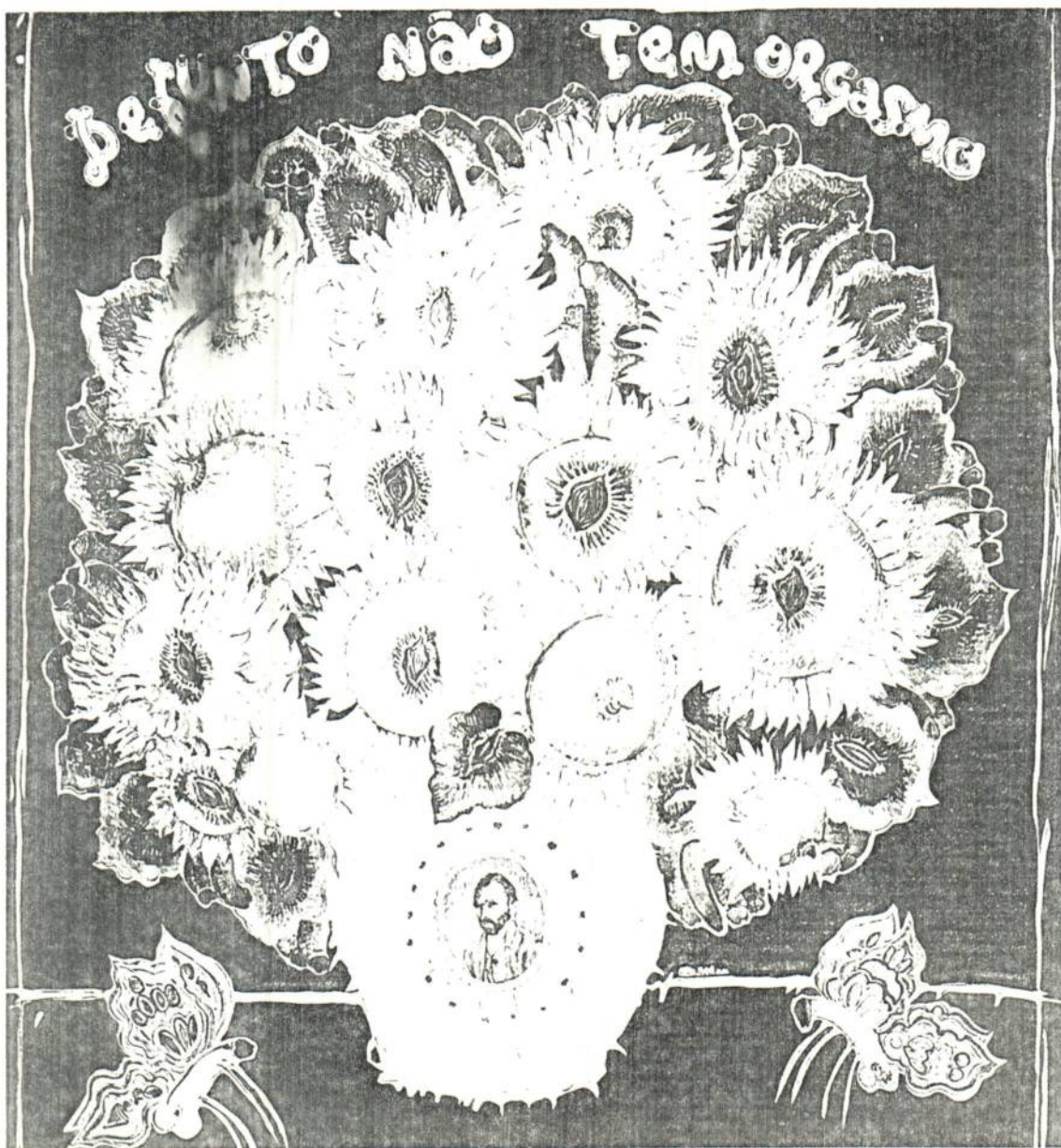
**INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO** - Dia 10 de maio de 1990, no Museu de Artes de São Paulo (MASP).

**ARTISTAS CONVIDADOS**

Adir Sodré	-	Mato Grosso
Alice Vinagre	-	Paraná
Aloísio Carvão	-	Rio de Janeiro
Arlindo Daibert	-	Minas Gerais
Bené Fonteles	-	São Paulo
Boi	-	São Paulo
Carlos Martins	-	Rio de Janeiro
Carlos Zimmermann	-	Paraná
Cristina Canale	-	Rio de Janeiro
Eduardo Sued	-	Rio de Janeiro
Emmanuel Nassar	-	Pará
Flávia Ribeiro	-	São Paulo
Jeanete Musatti	-	São Paulo
Lena Bergstein	-	Rio de Janeiro
Leonino Leão	-	Minas Gerais
Luiz Áquila	-	Rio de Janeiro
Manfredo Souzaneto	-	Rio de Janeiro
Marcos Coelho Benjamin	-	Minas Gerais
Maria Tomaselli	-	Rio Grande do Sul
Monica Sartori	-	Minas Gerais
Niúra Belavinha	-	Minas Gerais
Rosana Rats	-	Goiás
Siron Franco	-	Goiás
Turinha Borém	-	Minas Gerais
Ubirajara Ribeiro	-	São Paulo

## ADIR SODRÉ

Adir Sodré (Rondonópolis, Mato Grosso, 1962). Realizou diversas individuais em: 1983, 1985, 1986, 1987 e 1988; no Brasil. Sala Especial de Mato Grosso no XXXVI Salão Paranaense, Curitiba (1980). Prêmio no I Salão de Artes Plásticas de Assis – São Paulo (1980). Prêmio de Aquisição do Salão Regional de Artes Plásticas do Centro-Oeste, Goiânia (1981). IV Salão Nacional de Artes Plásticas, MEC-FUNARTE, Rio (1981). "Carnegie International", Museum of Art Carnegie Institut, Pittsburg - Estados Unidos (1982). Prêmio de Aquisição no V Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1982). "Tiradentes", Palácio das Artes de Belo Horizonte (1983). "Como vai você, geração 80?", EAV do Rio de Janeiro (1984). Prêmio de Aquisição no IX Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1985). "Modernidade, Arte Brasileira do Século XX", Museu de Arte Moderna de Paris - França (1987). Prêmio "Melhor Pintor", A.P.C.A., São Paulo (1987). "Le Dejeuner sur L'Art - Manet no Brasil", Parque Lage, Rio de Janeiro (1988). "Brazil Projects" - P.S.1, The Institute for Art and Urban Resources, Nova York - Estados Unidos.



*Delunto não tem orgasmo, óleo s/ tela, 1988*

## ALICE VINAGRE

Alice Vinagre (João Pessoa, Paraíba, 1950). Estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ, concluindo curso de pintura em 1984. Realizou individuais em 1982 na Galeria EBA no Rio e em 1987 na Galeria Gamela em João Pessoa e na Oficina Guaianares em Olinda. 35º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco e Salão Brasileiro de Arte, São Paulo (1982). VI Exposição de Belas Artes Brasil/Japão, Tóquio - Japão e 40º Salão Paranaense (1983) VII Salão Nacional de Artes Plásticas, FUNARTE, Rio (1984). 38º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco (1985). Prêmio no IX Salão Nacional de Artes Plásticas, FUNARTE - Rio e no 39º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco (1986). Prêmio no VI Salão de Arte do Pará (1987). Workshop Berlim - in - São Paulo, MAC/MASP, São Paulo e Werkstatt Berlim - in - São Paulo, Staatliche Kunsthalle, Berlim - Alemanha (1988). "5 Artistas Paraibanos" no Museu de Arte da Bahia, "O Papel da Arte/Arte sobre Papel" na Galeria Gamela, João Pessoa - Paraíba, Panorama da Arte Atual Brasileira no Museu de Arte Moderna, São Paulo (1989).

## ARLINDO DAIBERT

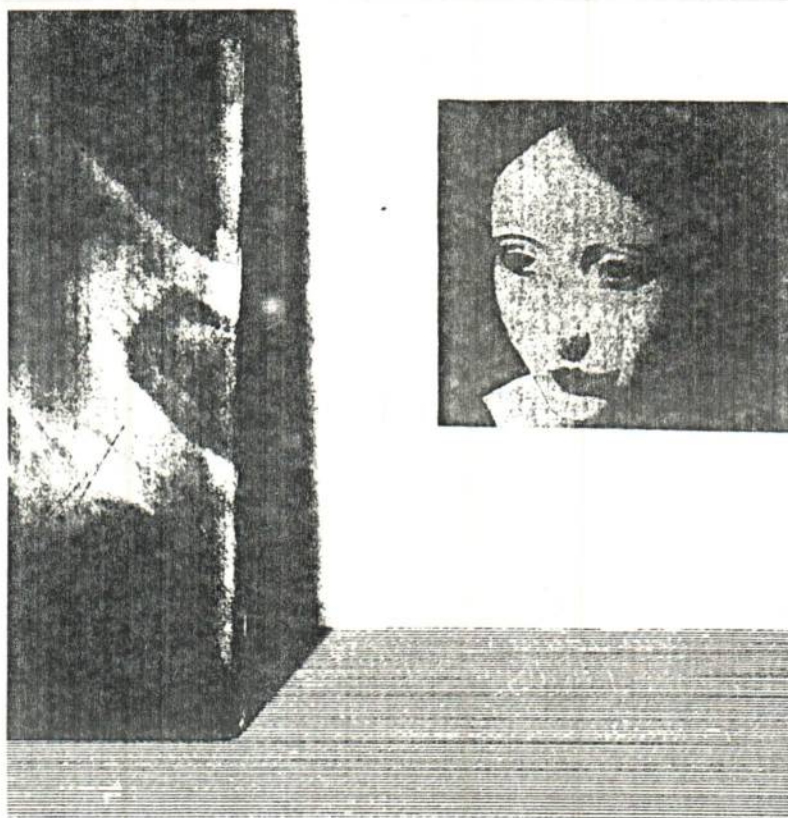
Arlindo Daibert (Juiz de Fora, Minas Gerais, 1952). Professor de Desenho e Gravura na Universidade Federal de Juiz de Fora. Realizou diversas individuais entre 1977 e 1989. "Resumo do Desenho Brasileiro", MAM de São Paulo (1974). Prêmio II Salão Global de Inverno, Belo Horizonte (1974). "Brasil Arte Agora", MAM do Rio (1976). "Images/Messages d'Amérique Latine", Centre Culture de Villeparisis, Paris - França (1978). Prêmio Salão Nacional do Rio (1978). Prêmio de Melhor Artista, A.P.C.A., São Paulo (1979). "Grande Prêmio" da II Bienal Ibero-Americana do México - México (1980). Bienal Americana de Cali - Colômbia (1980). Prêmio da Bienal de Artes Gráficas de Maldonado - Uruguai (1981). "Contemporary Brazilian Engravings and Drawings", Tel Aviv - Israel (1981). "Do Moderno ao Contemporâneo", Fundação Gulbenkian, Lisboa - Portugal (1981). "Gráfica Del Brazil", Foro de Arte sobre Papel, MAM de São Paulo (1987). Prêmio de Aquisição no Panorama de Arte Atual, MAM de São Paulo (1989).

## BOI

Boi, José Carlos César Ferreira (Marília, São Paulo, 1944). Pintor e desenhista. Começou a pintar em 1965, a partir de sua convivência com Dudi Maia Rosa, na época iniciando-se como artista plástico. Em 1968 realizou estudos de desenho e composição na Chovinard Art School da Califórnia. Ingressou como aluno da Escola Brasil (SP), que tinha como professores Fajardo, Baravelli, Nasser e José Resende, integrando-se ao corpo docente no período 1973 - 1974. Foi um dos fundadores da Cooperativa dos Artistas Plásticos de São Paulo. Mantém-se fiel aos temas desenvolvidos desde o início de sua carreira: paisagens, ambientes, figuras, objetos, preocupado com a fidelidade cromática e, principalmente, com a luz. Desde 1965, participa de salões e coletivas. Na última individual em São Paulo (1982), apresentou a série "O caminho da luz". Vive em São Paulo.

**CARLOS MARTINS**

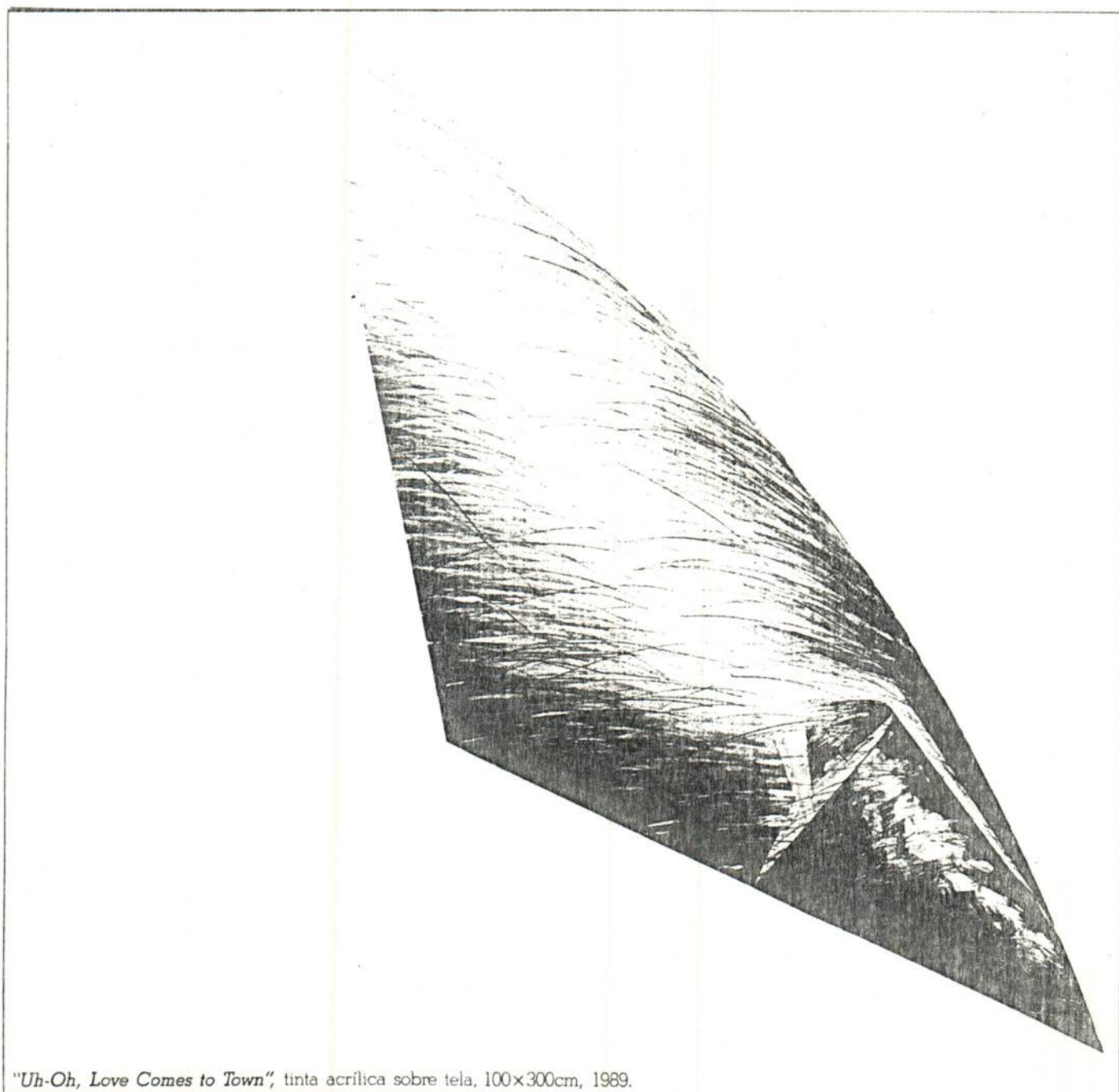
Carlos Martins (1946). Iniciou seus estudos de gravura em 1974, freqüentando a Slade School of Art, Londres e Academia Rafaelo, Urbino - Itália. Participou de várias exposições coletivas, destacando-se: Royal Accademy of Arts, Londres; Pratt Graphics Centre, Nova York; XIV Bienal de Ljubliana, Iugoslávia; VI Bienal de San Juan, Porto Rico; Panorama da Arte Brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro. Exposições individuais desde 1977: Galeria Luiza Strina, São Paulo; Galeria Gravura Brasileira, Rio de Janeiro; Jordan Gallery, Londres; Galeria Andre Biren, Paris; Brazilian - American Cultural Institute, Washington. Recebeu prêmios em vários salões e, em 1982, prêmio de melhor gravador da Associação Paulista de Críticos de Arte.



**CARLOS ZIMMERMANN**

Carlos Eduardo Zimmermann (Antonina, Paraná, 1952). Estudou Desenho e Pintura com Guido Viaro em Curitiba. Recebeu de 1978 a 1979 Bolsa de Estudos do governo inglês para curso de pós-graduação em Desenho e Pintura, no Royal College of Art em Londres. Realizou várias individuais no Brasil e no Exterior entre 1973 e 1989 (\*). "Image du Brésil", Manhattan Center, Bruxelas - Bélgica (1973). "Arte Agora I - Brasil 70/75", MAM do Rio de Janeiro (1976). Panorama de Arte Atual Brasileira, MAM de São Paulo (1977). "Students of the Royal College of Art", Royal College of Art Gallery, Londres - Inglaterra (1978). "Brazilian Artists", Instituto Brasileiro Americano, Washington - Estados Unidos (1979). "Destaques Hilton de Pintura", Brasília, Rio, São Paulo, Curitiba (1980). "Pintura Brasileira", Foro de Arte Contemporânea, México - México (1983). "Pintores do Paraná", Kunstmuseum Aarau - Suíça (1983). "Viva França", Galeria GB Arte, Rio de Janeiro (1989). "Paintings from the Overseas Sister Cities", Himegi City Museum of Art, Japão (1989).

(\*) Recebeu prêmios: no Salão Paranaense nos anos de 1969, 1970 e 1972; XXIII Salão Nacional de Arte Moderna do Rio (1974); VII Salão de Verão do Rio (1975); "Arte Agora I - Brasil 70/75" (1976) e no XXXVII Salão Paranaense (Prêmio Principal) (1980).



"Uh-Oh, Love Comes to Town", tinta acrílica sobre tela, 100x300cm, 1989.



### CRISTINA CANALE

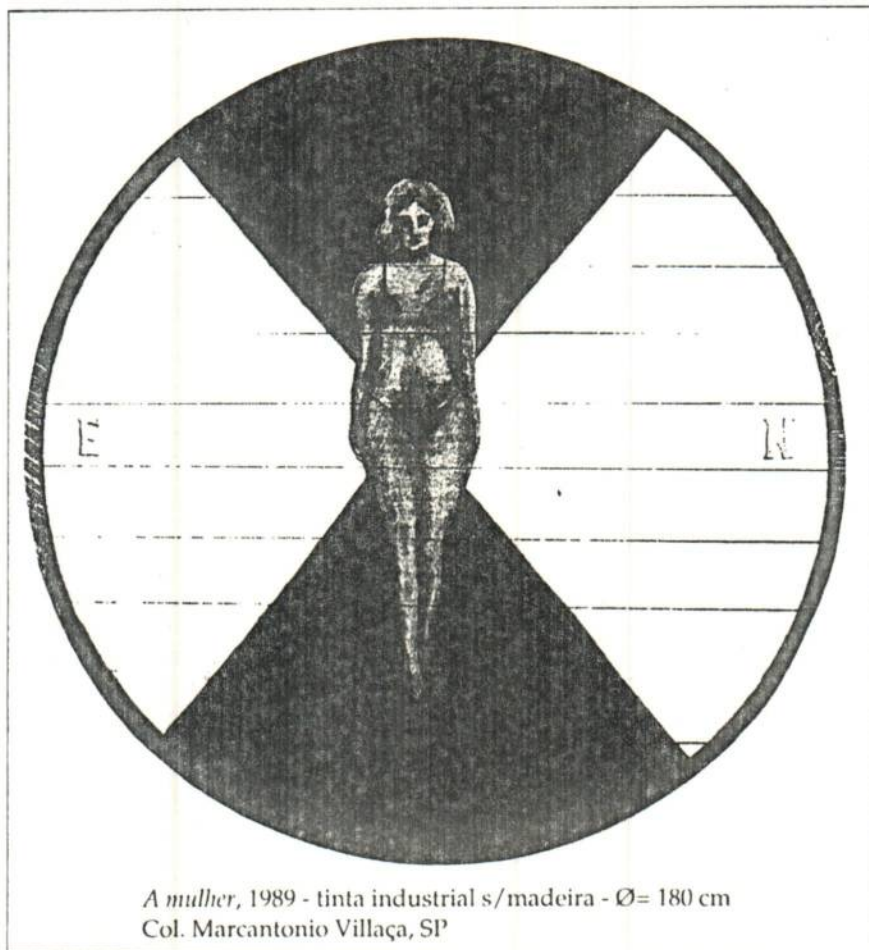
Cristina Canale (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1961). Estudou desenho e pintura com John Nicholson no Rio de Janeiro entre 1980 e 1983. Recebeu prêmio de desenho no 10º Salão Carioca de Arte em 1986. Coletiva de Verão, Galeria Contemporânea, Rio de Janeiro (1983). "Como vai você geração 80?", Escola de Artes Visuais, Rio (1984). "Velha Mania" na E.A.V. e 8º Salão Nacional de Artes Plásticas - MAM - RJ (1985). 10º Salão Carioca de Arte, Metrô da Carioca - Rio (1986). "Novos, Novos", Galeria de Arte do Centro Empresarial do Rio, Salão de Arte de Belo Horizonte e "Lapada Show", Espaço Brumado - Rio (1987). "Novos Valores da Arte Latino-Americana - 11º Festival Latino - Americano de Arte e Cultura", Brasília e Individual na Pasárgada Arte Contemporânea em Recife, Pernambuco (1989). "Canale, Fonseca, Milhazes, Pizarro, Zerbini", Museu de Arte Contemporânea da USP/São Paulo, Museu de Arte de Curitiba, FUNARTE - Rio e MARGS - Porto Alegre (1990). Individual, Galeria São Paulo (1990).

### EDUARDO SUED

Eduardo Sued (Rio de Janeiro, RJ, 1925). Pintor, desenhista e gravador. Entre 1944 e 1948 frequentou a Escola Nacional de Engenharia. Iniciou-se em pintura com H. Boese, no Rio de Janeiro, e, transferindo-se para Paris (1951), frequentou as Acadêmies Julian e de la Grand Chaumière. De volta ao Brasil, estudou gravura com Iberê Camargo. Foi professor de pintura, desenho e gravura na Escolinha de Arte do Brasil, Rio de Janeiro, da Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, do Clube de Arte de Santos e do MAM, Rio de Janeiro (1956-1975). Vive e trabalha no Rio de Janeiro. XVI Bienal de São Paulo, Bienal del Grabado de Puerto Rico e Bienal de Cracóvia (1970), XII Biennale di Venezia (1984); exposições "20 Artista Brasileiros", CAYC, Buenos Aires (1976), "América Latina Geometria Sensível", MAM, Rio de Janeiro (1978), "Tradição e Ruptura", Fundação Bienal de São Paulo (1894); individual no Espaço ABC, Funarte-MAM, Rio de Janeiro (1982).

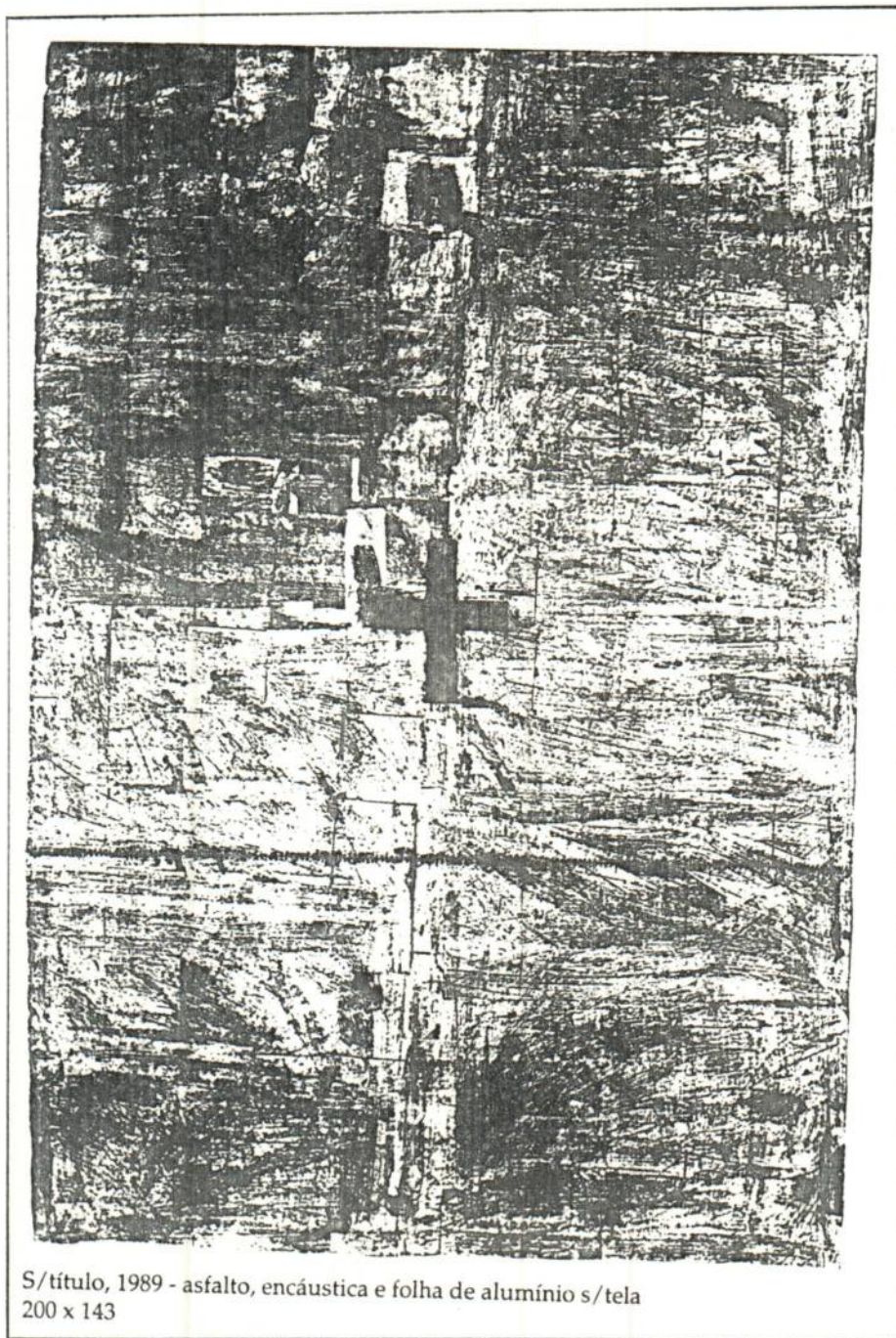
**EMMANUEL NASSAR**

Emmanuel da Cunha Nassar (Capanema, PA, 1949). Pintor. Formou-se arquiteto na Universidade Federal do Pará. Autodidata em pintura. Vive e trabalha em Belém, onde também é professor na UFPA. VII Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro (1984), 6º Trienal da Índia, Nova Délhi (1986), 3ª Bienal de Havana (1989); exposições "O Popular como Matriz", MAC-USP, São Paulo (1985), "Brasil Já - Beispiele Zeitgenössischer brasilianischer Malerei", Museum Morsbroich, Galerie Landesgalerie e Sprengel Museum, Alemanha Federal (1988); individual na Galeria Macunaíma, Funarte, Rio de Janeiro (1984); Prêmio Viagem ao País no VII Salão Nacional de Artes Plásticas.



**FLÁVIA RIBEIRO**

Flávia Monteiro Ribeiro (São Paulo, SP, 1954). Pintora. Estudou de 1970 a 1974 na Escola Brasil, São Paulo; de 1975 a 1977 estudou com Dudi Maia Rosa e de 1978 a 1980 no Slade University College, Londres. Vive e trabalha em São Paulo. VIII Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1985), V e VI Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo (1987 e 1988); exposições "A Trama do Gosto", Fundação Bienal de São Paulo (1987), Projeto Macunaíma, Funarte, Rio de Janeiro (1989). Prêmio 20ª Bienal Internacional de São Paulo (1989).

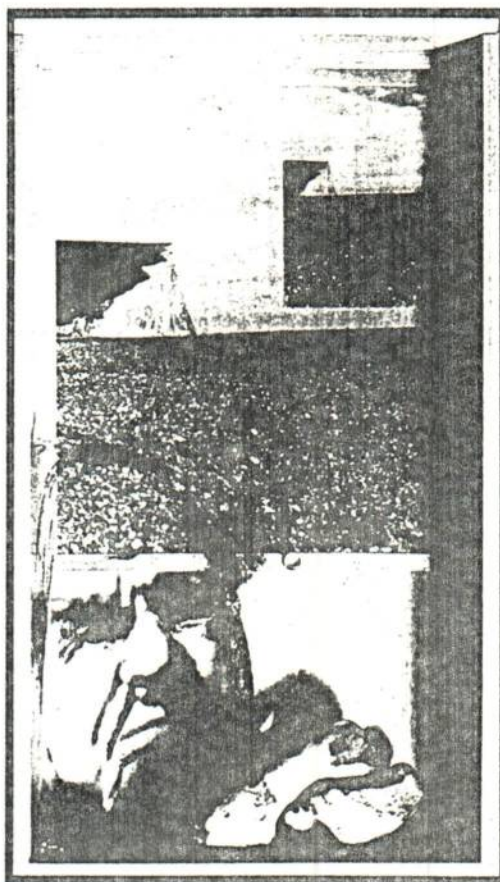


S/título, 1989 - asfalto, encáustica e folha de alumínio s/tela  
200 x 143

**JEANETE MUSATTI**

Jeanete Musatti (São Paulo, SP, 1944). Estudou deseno livre com Yolanda Mohalyi, pintura com Joan Ponç e gravura na Fundação A. A. Penteadó. Entre 1979 e 1980 freqüentou curso no Emerson College, em Forest Row - Inglaterra, sobre os estudos de Rudolf Steiner. "Imagem do Brasil", Bruxelas - Bélgica (1973). Menção Honrosa na Bienal dos Ilustradores, Bratislava - (\*) (1979). Individual, Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo (1982). "Como Vai Você Geração 80?", Parque Lage no Rio de Janeiro (1984). Individual, Galeria Tina Presser em Porto Alegre, Panorama da Arte Atual Brasileira em São Paulo, "Velha Maria" no Parque Lage no Rio de Janeiro e 3º Salão Paulista de Arte Contemporânea (1985). 1ª Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras, Fortaleza - Ceará (1986). "A Trama do Gosto", Fundação da Bienal de São Paulo e Individual na Galeria Millan, São Paulo (1987). "Objetos", Centro Cultural Cândido Mendes no Rio (1988).

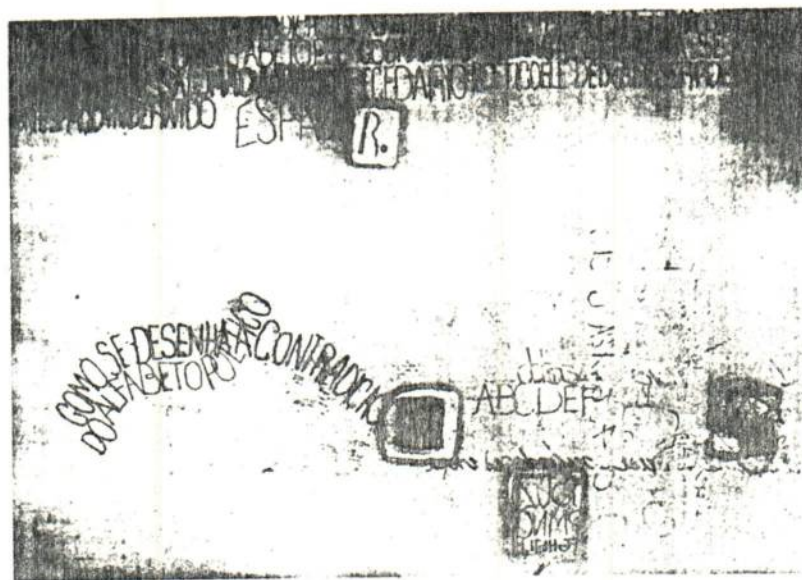
(\*) Grande Prêmio da Crítica (Artista Revelação), A.P.C.A., São Paulo (1983).



*A Visão de Moore, 46 x 28 x 11 cm, Construção, 1979-1982*

## LENA BERGSTEIN

Lena Bergstein (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). Possui formação artística na Escola de Artes Visuais e Atelier de Gravura do MAM do Rio de Janeiro. Lecionou Gravura em Metal de 1983 a 1986 no MAM do Rio. Realizou em 1988 curadoria da "Exposição Gráfica Veneziana" para o Solar Grandjean de Montigny da PUC/Rio. Criou e coordenou a oficina "Artes Plásticas e Poesias da Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro (1988). VII Salão de Verão, Rio de Janeiro (1975). Prêmio Iseção de Júri no XXV Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro e Individual, Galeria Segno Gráfico, Veneza - Itália (1976). Prêmio IV Salão de Artes Visuais da UFRS Preto Alegre, IV Salão Nacional de Artes Plásticas de Goiás e 1º Salão Carioca de Arte, Rio de Janeiro (1977). 1ª Bienal Americana de Grabado, Mendoza - Argentina (1978). Prêmio da II Mostra Anual de Gravura de Curitiba e Trienal Latino Americano Del Grabado, Buenos Aires - Argentina (1979). Prêmio no 4º Salão Carioca de Arte e 37º Salão Paranaense (Prêmio Aquisição), Curitiba (1980). Twelve Brazilian Printmakers, Maryland - Estados Unidos (1980). Prêmio 39º Salão Paranaense, Curitiba (1982). 5th Miami International Print Biennial, Estados Unidos e 14th International Biennial of Graphic Art, Ljubljana - Iugoslávia (1982). "Brazilian Artists", Galeria Yvonne Séguy, Nova York - Estados Unidos e 15ª Bienal Internacional de Artes Gráficas, Ljubljana - Iugoslávia (1983). International Print Exhibit, ROC Taiwan - China (1984). Individual, Centro de Estudos Brasileiros, Paraguay (1984). "Velha Mania", EAV no Rio de Janeiro (1985). 8ª Bienal Internacional de Gravura, Fredrikstad - Noruega e 9ª Bienal Internacional de Gravura, Bradford - Inglaterra (1987). "Graphik aus Lateinamerika, Asien und Afrika", Viena - Áustria (1988).



## LEONINO LEÃO

Leonino Leão (nasceu em Cachoeira de Minas, Minas Gerais e faleceu em São José dos Campos, São Paulo, 1988). Estudou arte na UFMG e na Faculdade Belas Artes de São Paulo. Foi professor de Pintura na Universidade Federal de Juiz de Fora. Salão de Verão, Rio de Janeiro (1974). Bienal Nacional de São Paulo (1976). Individual, São José dos Campos (1977). Salão Juan Miró, Barcelona - Espanha (1978). Individuais em Porto Alegre e Barcelona - Espanha (1981). Individual, Rio de Janeiro (1983). Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1984). Individual no Museu da Cidade, Juiz de Fora (1985). Individual na Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo (1986). Individuais em Madrid, Barcelona e Juiz de Fora (1987). "Ao Colecionador", MAM do Rio de Janeiro (1987). "Do Tear à Arte", Parque Halfeld, Juiz de Fora (1987). "Pessoa/Pessoas", Palácio das Artes, Belo Horizonte (1988). "Cada Cabeça uma Sentença", Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ouro Preto e Santos (1989).

## LUIZ ÁQUILA

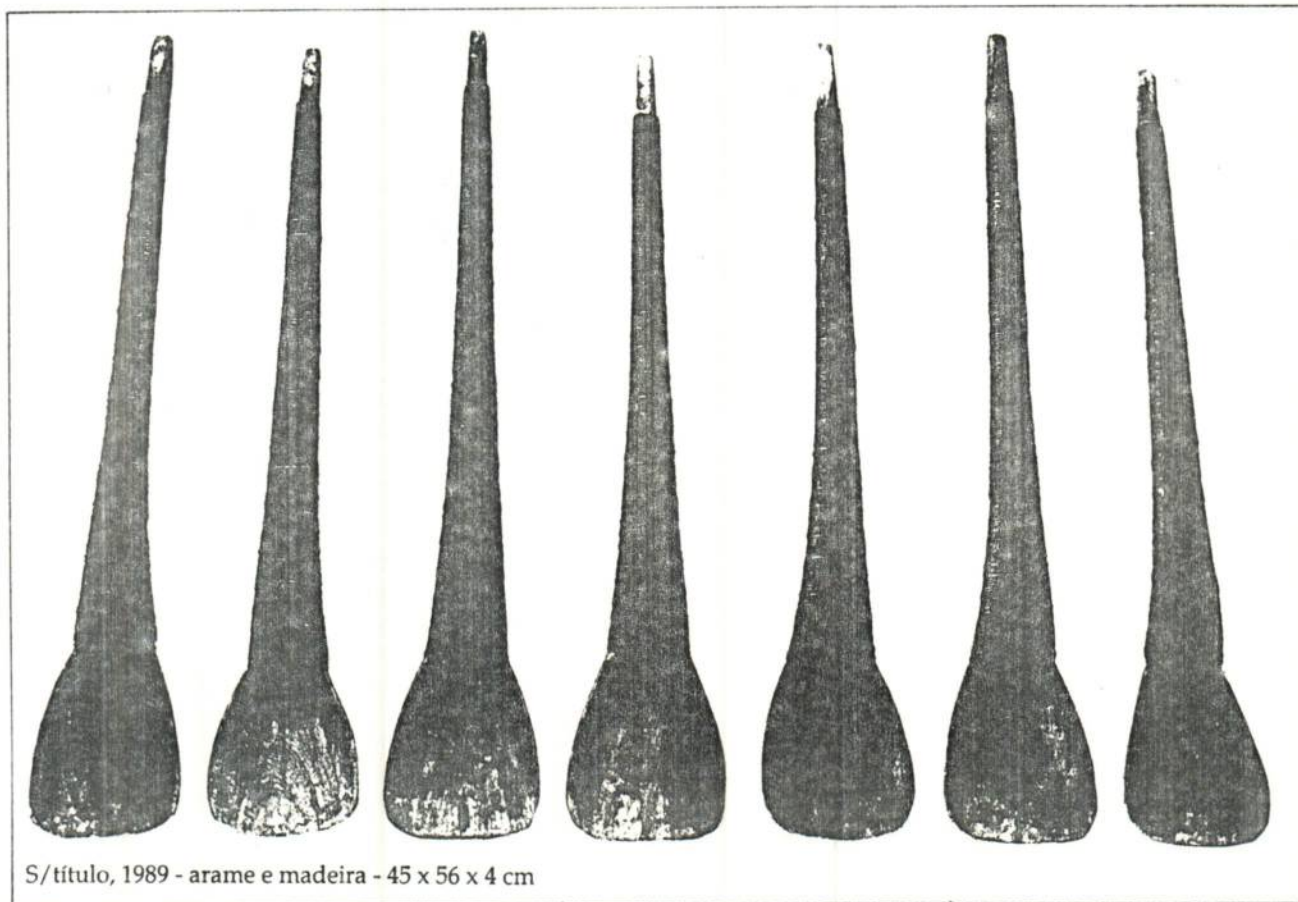
Luiz Áquila da Rocha Miranda (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1943). Pintor, desenhista, cenógrafo e professor. No Rio de Janeiro frequentou o curso de pintura de Aloísio Carvão no Museu de Arte Moderna e o curso de desenho de Tiziana Buonazola. Em 1962 transferiu-se para Brasília onde assistiu, como aluno livre, aos cursos do Instituto de Arte e Arquitetura da UnB. Viajou sucessivamente para Paris (1965), como bolsista do Governo Francês, trabalhando na **Cité Internationale des Arts**; Lisboa (1967), pela **Fundação Gulbenkian**, onde ingressou no atelier de gravura em metal da Cooperativa de Gravadores Portugueses; e Londres (1972), estudando litografia na Slade School of Fine Arts. Em 1979 retornou definitivamente ao Rio de Janeiro, atuando como professor na Escola de Artes Visuais e como cenógrafo e ilustrador. Numa abstração expressionista, vigorosa, sua obra pictórica se constitui a partir de cores quentes em convulsão, com pinceladas largas e gestuais que vão se compondo de maneira geometrizar, quase construtiva. Expôs pela primeira vez no Rio, na passagem dos anos 1959/60 e, desde essa época, vem apresentando-se em individuais, salões e coletivas pelo Brasil e exterior.

## NIÚRA BELAVINHA

Niúra Belavinha (Belo Horizonte, Minas Gerais). Estudou Belas Artes na Fundação Escola Guignard, onde se especializou em litografia e pintura. cursou cenografia e efeitos na Parsons em Nova York, em 1986. Salão do Conselho Estadual de Cultura, Belo Horizonte (1981). Mostra do Desenho, Curitiba - Paraná (1982). "Instalações", Fund. Clóvis Salgado, Belo Horizonte (1983). 18ª Bienal Internacional de São Paulo (1985). Individual, Galeria Arleen Schloss - Soho, Nova York - Estados Unidos (1986). "Cada Cabeça Uma Sentença", Rio, São Paulo, Belo Horizonte (1989).

**MARCOS COELHO BENJAMIM**

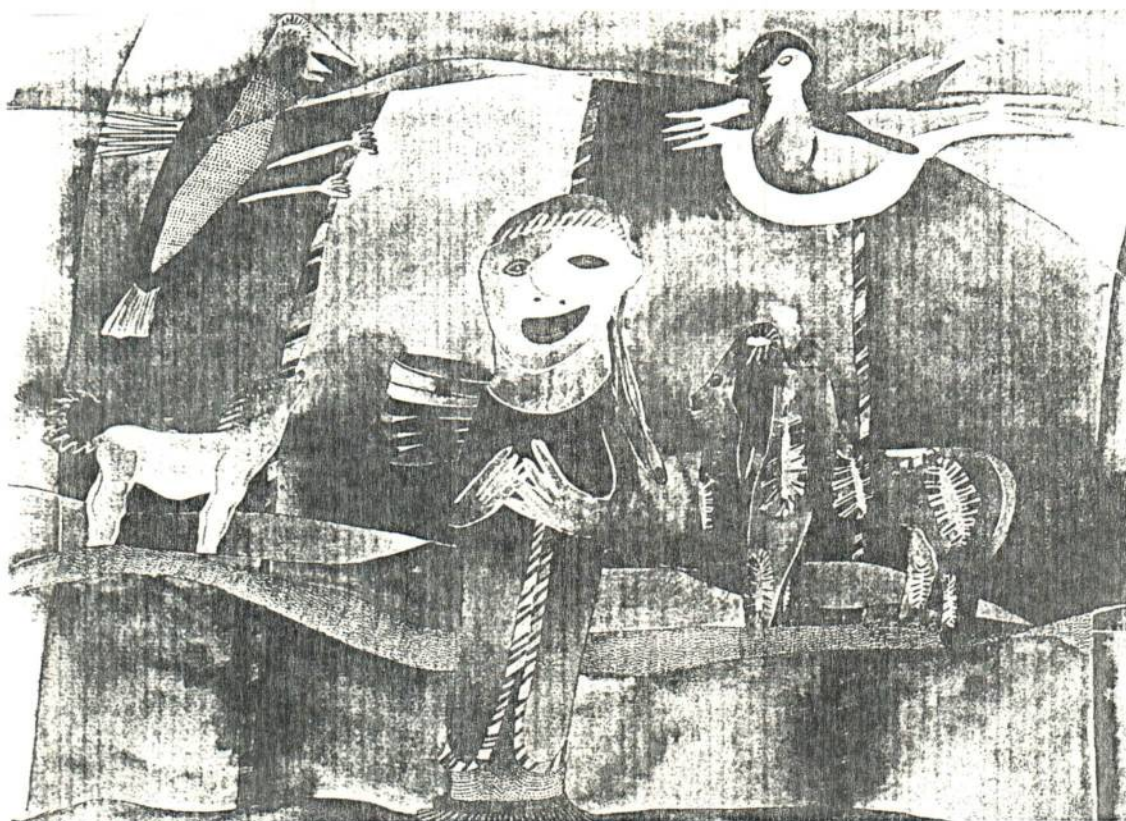
Marcos Coelho Benjamim (Nanuque, MG, 1952). Pintor, escultor e desenhista. Autodidata. Vive e trabalha em Belo Horizonte. XII Bienal de São Paulo, III Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro; exposições "International Cartoon Exhibition", Europa Center, Berlim (1975), Trienali der Zeichnung, Berlim, e "Première Selection de l'Art Jeune Brésilien", Paris (1987); Prêmio Viagem ao México, Salão Global de Inverno, Belo Horizonte (1974), Prêmio Viagem ao Exterior, III Salão Nacional de Artes Plásticas (1980), Grande Prêmio, Salão Paranaense, Curitiba (1982). Prêmio 20ª Bienal Internacional de São Paulo, 1989.



S/título, 1989 - arame e madeira - 45 x 56 x 4 cm

## MARIA TOMASELLI

Maria Tomaselli Cirne Lima (Innsbruck, Áustria, 1941). Estudou desenho com Kuehn, em Innsbruck. Formou-se em Filosofia na Universidade de Innsbruck e mudou-se para o Brasil em 1965. Aqui estudou com Iberê Camargo, Danúbio Gonçalves, José Lima e Mário Doglio. Recebeu por duas vezes bolsas de estudo do governo austríaco para estudos em Roma (1985) e Paris (1987). Realizou várias individuais no Brasil e no exterior a partir de 1967. Prêmio Aquisição na II Exposição Internacional de Gravura, São Paulo (1972). Prêmio de Isenção de Júri em Artes Gráficas no Salão Nacional do Rio de Janeiro e Prêmio FUNDEPAR em desenho do 30º Salão Paranaense, Curitiba (1973). III Bienal Del Grabado Latino-Americano, San Juan de Puerto Rico (1974). "Arte Negra", exposição da "Klosterpresse", Frankfurt-Alemanha (1976). "World Print Competition 77", São Francisco - Estados Unidos (1977). I Arte Actual de Ibero-America, Madrid - Espanha (1977). I Mostra Anual de Gravura (Prêmio), Curitiba (1978). Prêmio 50 Anos CARVE, III Bienal de Madonado, Uruguay (1979). I Trienal Del Grabado Latino-Americano, Buenos Aires - Argentina (1979). II Bienal Ibero-Americano do México - México (1980). V Bienal de San Juan de Puerto Rico (1981). Prêmio Sparkasse Innsbruck-Hall na 18ª Bienal Gráfica da Áustria (1982) 9ª Trienal de Gravura Colorida Grenchen - Suíça (1982). "33 Gráficos Brasileiros no Foro de Arte Contemporânea" no México e Colômbia (1983). I Bienal de la Havana - Cuba (1984). "Art 16'85" - Brasil-Suíça (1985). V Bienal Americana de Artes Gráficas, Cali - Colômbia (1986). "Artistas Brasileiros", Galeria Bei Svetlana, Munique - Alemanha (1988). Instalação "Oca-Maloca", MAM de São Paulo (1989).



Severina Batista, 70 x 100 cm em aquarela



**MÔNICA SARTORI**

Mônica da Costa Sena Sartori (Belo Horizonte, MG, 1957). Desenhista. Formou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (1984), onde estudou gravura com Clébio Maduro e Glaura Pereira. Foi curadora e participou da exposição "Yeba Belo" no Teatro Marília, Belo Horizonte (1987). Vive e trabalha em Belo Horizonte. VII, VIII, IX e X Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte (1984-1988), XI, XIX e XX Salão Nacional de Arte, Museu de Arte de Belo Horizonte (1981-1988), 3ª Trienal de Desenho, Kunsthalle in der Norishalle, Nurenberg (1985); exposições "Caminhos do Desenho Brasileiro", MARGS, Porto Alegre (1986), "Desenho Brasileiro Contemporâneo", Funarte, Rio de Janeiro (1988); Prêmio Aquisição no XIX Salão Nacional de Arte (1987), Prêmio Concorrência FIAT (1988) e Bolsa Ivan Serpa, Funarte (1988).



S/título, 1989 - desenho - 220 x 150 cm.

## SIRON FRANCO

Siron Franco (Goiás, antiga capital do Estado de Goiás, GO, 1947). Prêmio de melhor Pintor Brasileiro na Bienal Nacional de São Paulo e Iseção de Júri no XXIII Salão de Arte Moderna do Rio (1974). Prêmio de Viagem do Exterior no XXIV Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro e Prêmio Internacional na XIII Bienal Internacional de São Paulo (1975). Coletiva, Pintores Brasileiros, Osaka-Japão (1976). Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, Melhor Exposição (1980). IV Bienal de Medelin - Colômbia, V Bienal de Valparaíso-Chile (1981). Individual na Galeria Bonino, Rio (1982). Prêmio na IV Bienal Ibero-Americana do Auto-Retrato, México-México e Individual no "National Arts Center", Ottawa-Canadá (1984). "Today's Art of Brazil" no Museu Hara de Arte Contemporânea, Tóquio-Japão (1985). "Modernidade Brasileira", Museu de Arte Moderna, Paris-França e "Arte Fantástica" no The Queen's Museum of Art, Nova York - Estados Unidos (1987). Coletiva, "Pintura do Brasil", na Galeria Ladesgirokasse em Stuttgart e no Sprengel Museum em Hannover, Alemanha Ocidental (1988). XX Bienal Internacional de São Paulo (1989).

## TURINHA BORÉM

Turinha Borém (Maria Auxiliadora Borém, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1945). Participou da Oficina de Pintura de Carlos Fajardo no 19º Festival de Inverno da UFMG em São João del Rey em 1986. "Preciosidades para Colecionadores", Centro Cultural de Belo Horizonte (1987). Coletiva, Saguão da Reitoria da UFJF, Juiz de Fora (1988). Prêmio no IX Salão Nello Nuno de Artes Visuais da UFV, Viçosa (1989). XXI Salão Nacional de Arte, Museu de Arte de Belo Horizonte e Coletiva no Escritório de Arte da Casa de Papel, Juiz de Fora, 1989.

## BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

- SERULLAZ, Maurice. **O Impressionismo**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989.
- HARRIS, Nathaniel. **A Arte de Van Gogh**. Ao livro Técnico S/A. Rio de Janeiro, 1982.
- COLI, Jorge. **Van Gogh**. Ed. Brasiliense S.A., São Paulo, 1985.
- NÁGERA, Humberto. **Vincent Van Gogh - Un Estudio Psicológico**. Editorial Blume, Barcelona, 1980.
- ARTAUD, Antonin. **Van Gogh, le suicidé de la société**. Gallimard, Paris, 1966.
- . **Vincent Van Gogh**. Catalogue du Musée National Vincent Van Gogh, Amsterdam, 1973.
- CHIPP, H.B. **Teorias da Arte Moderna**. Martins Fontes Editora, São Paulo, 1988.
- CHUHURRA, Osvaldo López. **Estética de los Elementos Plásticos**. Editorial Labor S.A., Barcelona, 1971.
- THOMAS, Denis. **Os Impressionistas**. Ao Livro Técnico S/A. Rio de Janeiro, 1980.
- VAN GOGH, Vicent. **Cartas a Théo**. – Tradução de Pierre Ruprecht – L & PM Editores, São Paulo. 1986.